

Sabia que ...

... é uma necessidade urgente lutar contra o aquecimento do Oceano?

O vertiginoso aumento da temperatura dos oceanos disparou o alerta entre especialistas, que tentam seguir o ritmo nas suas investigações sobre um fenómeno que não dá tréguas e cujas consequências vão além do mar.



"Estas mudanças são tão rápidas que não somos capazes de acompanhar o ritmo do seu impacto e isso gera muita incerteza", reconheceu Vidar Helgesen, secretário-executivo da Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO, que considera que "se ocupar do aquecimento dos oceanos é urgente".

A temperatura dos oceanos, que cobrem 70% do planeta, estabeleceu um novo recorde em março, com média de 21,07°C na superfície, excluindo as zonas próximas aos polos, segundo o observatório Copernicus.

Oceanos mais quentes ameaçam a vida marinha, aumentam o volume da água e a humidade na atmosfera, provocando condições meteorológicas extremas, como ventos e chuvas fortes.

Os oceanos, vítimas e escudos da crise climática, contribuem para que a superfície da Terra seja habitável, absorvendo 90% do excesso de calor causado por emissões de carbono, fruto da atividade humana, desde a era industrial; e parte do CO₂. Adicionalmente, geram cerca de metade do oxigénio que respiramos.

"O oceano tem muito mais capacidade térmica do que a atmosfera, absorve muito mais calor, mas não pode absorver até o infinito", alertou Cristina González Haro, investigadora do Instituto de Ciências do Mar de Barcelona.

"Há muita coisa que não sabemos sobre os oceanos. Mapeamos apenas cerca de 25% do fundo dos oceanos do mundo e, ao mesmo tempo, temos de mapear e monitorizar ao vivo as alterações que ocorrerem devido às alterações climáticas", observou Helgesen.

Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM), agência da ONU, mais de 90% dos oceanos experimentaram ondas de calor no ano passado, enquanto a temperatura da água na superfície não para de aumentar.

"Estamos numa trajetória que nos leva a perguntar aos cientistas se não subestimamos as alterações climáticas que virão", disse Jean-Pierre Gattuso, especialista do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) da França.



Com uma incidência direta sobre o clima e os ecossistemas, os efeitos deste fenómeno são sentidos em todo o planeta, até mesmo longe do mar.

"Muitos investigadores ficam frustrados porque, apesar destas provas científicas da alteração climática e respetivas consequências em vários níveis, a implementação do Acordo de Paris é muito lento", lamentou Gattuso.

Há, no entanto, sinais de esperança, como a aprovação em 2023, após 15 anos de negociações, de um tratado histórico dos Estados-membros da ONU para proteger o alto-mar, ou os diálogos em curso para alcançar um consenso internacional sobre a poluição por plásticos.

"Cada décimo de grau conta, como cada ano conta. Nunca é tarde demais", lembrou Gattuso.

Adaptação do artigo publicado em:

https://greensavers.sapo.pt/o-fundo-do-oceano-e-um-reservatorio-de-poluicao-plastica/?utm_source=SAPO_HP&utm_medium=web&utm_campaign=destaques